

本を守ろうとする猫の話
夏川草介

O GATO QUE AMAVA LIVROS

SOSUKE
NATSUKAWA



本を守ろうとする猫の話
夏川草介

**O
GATO
QUE
AMAVA
LIVROS**

**SOSUKE
NATSUKAWA**

Tradução
Fernanda Dias

 **Planeta**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

本を守ろうとする猫の話 (Hon o Mamoroutosuru Neko no Hanashi), de Sosuke Natsukawa

Copyright © Sosuke Natsukawa, 2017

Todos os direitos reservados.

Edição original em japonês publicada por Shogakukan. Edição em português para o Brasil acordada com Shogakukan, por meio da Emily Publishing Company, Ltd. e da Agência Literária Casanovas & Lynch S. L.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022

Copyright da tradução © Fernanda Dias

Título original em inglês: *The Cat Who Saved Books*

Preparação: Fernanda Guerriero Antunes

Revisão: Andréa Bruno e Renato Ritto

Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos

Capa e ilustração: Penguin Random House Grupo Editorial/Carlos Pamplona

Adaptação de capa: Beatriz Borges

Imagens de miolo: Freepik

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Natsukawa, Sosuke

O gato que amava livros / Sosuke Natsukawa; tradução de
Fernanda Dias. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
240 p.

ISBN 978-65-5535-778-3

Título original: *The Cat Who Saved Books*

1. Ficção japonesa 2. Literatura fantástica I. Título II. Dias, Fernanda

22-2031

CDD 895.63

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção japonesa

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

capítulo 1
O PRIMEIRO
LABIRINTO



OU
TRO Planeta



PROTÓTIPO PRELIMINAR MANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

O APRISIONADOR DE LIVROS



A Livraria Natsuki era uma lojinha escondida em uma rua da parte antiga da cidade. E bastante peculiar.

A entrada levava direto aos fundos da loja por um corredor comprido. Cada lado do corredor tinha filas enormes de prateleiras que se empilhavam até o teto, e cada uma delas estava abarrotada de livros. Lâmpadas em estilo retrô dependuravam-se do alto, cuja luz suave refletia-se no chão de madeira encerado.

Mais ou menos na metade do caminho, uma mesa simples de madeira era usada para tratar das

vendas; mas, além dela e de uns banquinhos de madeira, não havia nenhum outro móvel ou decoração de qualquer tipo. Nos fundos da loja, o corredor terminava em uma parede simples de madeira, mas, ao entrar pela porta da frente com a luz do dia, a impressão era de que o lugar era muito maior. Cercado por paredes de livros, era como entrar em um portal infinito que desaparecia na escuridão.

A imagem do avô lendo um livro em silêncio sob uma lâmpada na pequena mesa ficou gravada na memória de Rintaro; as linhas haviam sido desenhadas com simplicidade, porém com cuidado, como uma pintura a óleo de um exímio artista.

— Os livros têm um poder extraordinário.

Esse era o mantra de seu avô.

Para dizer a verdade, o velho não era muito falante, mas, quando o assunto eram livros, de repente ele se enchia de vida. Os olhos quase cerrados abriam caminho para um sorriso largo, e as palavras voavam da boca com uma energia extasiada:

— *Existem histórias atemporais, poderosas o suficiente para sobreviverem ao longo dos anos. Leia muitos desses livros; serão como amigos para você. Eles vão te inspirar e dar apoio.*

Rintaro passou os olhos pelas paredes de livros da pequena livraria. As prateleiras não tinham nenhum dos best-sellers do momento. Nem mangás, nem revistas populares. Hoje em dia, os livros nem vendiam mais como antigamente. Os clientes fiéis

costumavam demonstrar preocupação com a sobrevivência da Livraria Natsuki, mas o velho e franzino livreiro respondia apenas com um aceno e um breve “obrigado”. As obras completas de Nietzsche e as coleções usadas da poesia de T. S. Eliot permaneceram expostas perto da entrada.

O espaço que seu avô criara era o refúgio perfeito para um garoto um tanto recluso. Rintaro, que nunca se encaixara muito bem na escola, desenvolveu o hábito de ir até a loja e mergulhar nos livros, devorando qualquer coisa que encontrasse nas prateleiras.

Em outras palavras, era o porto seguro de Rintaro, um lugar em que encontrava abrigo do mundo exterior. Mas agora, dentro de alguns dias, ele seria obrigado a deixar a Livraria Natsuki para sempre.

— Vovô, isso não faz sentido — sussurrou.

Naquele momento, o toque animado da antiquada campainha suspensa à porta da frente trouxe-o de volta à realidade. Em geral, significaria que um cliente entrara, mas a placa de “fechado” estava pendurada. Lá fora, o sol havia se posto e, depois da porta de vidro, não existia nada além da escuridão. Parecia que Akiba acabara de sair, mas, de alguma forma, passou-se um grande lapso de tempo.

Decidindo que a campainha fora um truque de sua imaginação, Rintaro voltou a olhar as prateleiras.

— Meio sombrio, este lugar.

A voz o pegou de surpresa. No entanto, quando se virou para conferir a entrada, não havia ninguém ali.

— Uma pena, você tem uma tremenda coleção aqui, mas esses livros estão desintegrando neste lugar velho e acabado.

Rintaro percebeu que a voz vinha do fundo da loja. Ele se virou e... não viu ninguém. A não ser, é claro, um gato malhado. Parecia um gato laranja malhado como qualquer outro; era bem grande e rechonchudo e tinha a pelagem listrada de laranja e amarelo. Esse gato, em particular, tinha listras que iam do topo da cabeça até o dorso e o rabo – um típico gato malhado –, mas a barriga e as patas eram completamente brancas. Contrastando com o fundo mal iluminado, seus olhos eram duas jades brilhantes. E estavam grudados em Rintaro.

Rintaro observou o gato sacudir o rabo.

— Você é um gato!

— Algum problema? — perguntou o gato.

Não havia dúvida: o gato estava falando.

Apesar de abalado, Rintaro conseguiu reunir um pouco de calma. Fechou bem os olhos e contou até três. E, então, abriu-os de novo.

Cobertura peluda, rabo espesso, dois olhos verdes penetrantes e duas orelhas triangulares perfeitas: não havia absolutamente nenhuma dúvida quanto a isso. Era um gato.

Os bigodes do gato malhado tremeram.

— Aí, garoto, tem alguma coisa errada com os seus olhos? — ele perguntou. Era uma criatura que não media as palavras.

— Não... eu... é... — Rintaro ficou procurando o que dizer. — Não enxergo lá muito bem, mas consigo ver que tem um gato falante bem na minha frente.

— Maravilha — disse o gato, acenando com a cabeça. — O nome é Tigre. Tigre, o gato malhado — continuou.

Não havia nada mais bizarro do que um gato se apresentando para você do nada, mas Rintaro, de alguma forma, conseguiu retribuir.

— Meu nome é Rintaro Natsuki.

— Eu sei. Você é o novo proprietário da Livraria Natsuki.

— Novo proprietário?

Rintaro estava confuso. Era a primeira vez que ele ouvia falar disso.

— Lamento informar que sou só um estudante de ensino médio, um *hikikomori* — ele explicou. — Meu vô sabia tudo sobre livros, mas ele não está mais aqui.

— Sem problemas — anunciou o gato malhado. — Meu negócio é com você, o novo proprietário.

O gato encarou Rintaro com os olhos um tanto apertados.

— Preciso da sua ajuda.

— Minha ajuda?

— Isso. Sua ajuda.

— Ajuda com...?

— Alguns livros foram aprisionados.

— Livros?

— Você é um papagaio? Para de repetir tudo o que eu falo como um imbecil qualquer.

As palavras acertaram o rosto de Rintaro como um tapa. O gato, no entanto, não deu nenhuma atenção para a reação dele.

— Preciso resgatar esses livros. — Os olhos de jade piscaram. — E você tem que me ajudar.

Rintaro ficou em silêncio por um instante, observando o gato malhado laranja. Em seguida, ergueu a mão direita devagar e começou a mexer na armação dos óculos. Era o que costumava fazer enquanto pensava.

Devo estar muito cansado, pensou.

Rintaro fechou os olhos enquanto mantinha a mão na armação dos óculos.

A morte do avô e o estresse do velório o deixaram exausto. Ele devia ter caído no sono sem perceber e, agora, estava sonhando. Convencido pelo próprio raciocínio, abriu os olhos mais uma vez. Mas ainda havia um gato malhado sentado tranquilo diante dele.

Beleza, agora estou encrencado.

Se parar para pensar, faz dias que estou sentado aqui encarando essas prateleiras.

Estou muito atrasado nas leituras...

Onde foi que deixei aquele exemplar de Cândido ou o otimismo que acabei de começar?

Pensamentos aleatórios começaram a pipocar na cabeça do garoto.

— Tá escutando, Sr. Proprietário?

O tom afiado do gato malhado furou a bolha de pensamentos de Rintaro.

— Olha, garoto, vou falar de novo. Preciso que você me ajude a salvar esses livros.

— Você diz que precisa de mim, mas... — Rintaro tentava encontrar as palavras certas. — Sou inútil. Como falei, sou só um estudante de ensino médio, um *hikikomori* — falou com franqueza de seu lugar atrás do caixa.

Por algum motivo, ele não conseguia mentir para o gato malhado falante.

— Sem problemas. Já sabia que você era um garoto miserável e recluso que não serve pra nada — o gato zombou. — Mas, ainda assim, preciso te pedir um favor.

— Se você já sabia disso, por que está pedindo minha ajuda? Deve haver milhões de pessoas que poderiam fazer isso melhor do que eu.

— Sem dúvida.

— E acabei de perder meu vô. Tô bem deprimido agora.

— Entendo.

— Então por que...

— Você não gosta de livros?

A voz profunda do gato malhado repeliu todos os protestos de Rintaro. Estava mais gentil, mas também repleta de determinação. Rintaro não estava entendendo do que o gato estava falando, mas a

presença forte e o poder de sua fala pareciam despi-lo de qualquer razão.

Os olhos de jade encararam os de Rintaro.

— Sim... Sim, é claro que eu gosto de livros.

— Então o que te impede?

Todos os aspectos do gato malhado eram ousados e confiantes – muito diferentes dos do próprio Rintaro. O garoto começou a mexer na armação dos óculos de novo, tentando desesperadamente compreender o que estava acontecendo. Mas nenhuma explicação fazia sentido.

— As coisas importantes são sempre difíceis de entender, Sr. Proprietário — disse o gato, como se lesse os pensamentos de Rintaro. — A maioria das pessoas não entende essa verdade tão óbvia. Passam os dias vivendo as próprias vidas, mas “*só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos*”.²

— Olha! — Os olhos de Rintaro saltaram. — Nunca achei que ia ouvir um gato citando *O Pequeno Príncipe*.

— Não é muito fã do Saint-Exupéry?

— É um dos meus autores favoritos — Rintaro respondeu, apontando para uma prateleira próxima —, mas acho que gosto mais de *Voo noturno*. E não consegui largar *Correio sul*.

— Maravilha — disse o gato malhado com um sorrisinho.

2. *O Pequeno Príncipe*, Antoine de Saint-Exupéry. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

A postura do gato trouxe ao garoto um forte sentimento de nostalgia. De alguma forma, lembrava-o do avô, exceto pelo fato de que o vovô nunca fora tão falante.

— Então você vai me ajudar?

Rintaro sacudiu os ombros.

— Eu tenho o direito de recusar?

— Você tem — respondeu imediatamente o gato. — Mas ficarei muitíssimo decepcionado se você recusar — acrescentou, rabugento.

Rintaro fez uma careta.

Então esse gato aparece aqui do nada, me pedindo ajuda, e aí diz que vai ficar muitíssimo decepcionado se eu não concordar...

Não fazia sentido e, ainda assim, havia um apelo no jeito direto de falar do gato – Rintaro não conseguia ficar bravo. Sim, pensando bem, esse gato devia ser bastante parecido com o avô.

— Então o que você precisa que eu faça?

— Me acompanhe.

— Para onde?

— Anda!

O gato se virou e dirigiu-se não à porta da frente, mas às sombras da outra extremidade da loja. Um tanto confuso, Rintaro o seguiu, mas dera poucos passos quando uma sensação curiosa de vertigem tomou conta dele. A Livraria Natsuki era comprida e estreita; esperava colidir contra a parede dos fundos em mais alguns passos. Mas hoje não havia bloqueio.